

# Um estudo sobre as construções resultativas intransitivas de percurso com objeto implícito

Eduardo Santana Moreira (\*)

## Introdução

As primeiras pesquisas realizadas dentro do escopo da Linguística Cognitiva, especificamente relacionadas à Gramática de Construções Baseada no Uso, emergiram nos anos 80, na Universidade da Califórnia, no *campus* de Berkeley, como uma alternativa à abordagem gerativista da época, a partir de trabalhos pioneiros como os de Charles Fillmore, Paul Kay e George Lakoff. Esse período caracterizou-se por grandes avanços na área da linguagem.

As investigações promovidas por esses pesquisadores propuseram, além de um modelo de *descrição sintática* para os estudos linguísticos, uma nova concepção de gramática, rotulada de Gramática de Construções. Dentro desse paradigma gramatical, as inovações mais notáveis foram o abandono dos princípios derivacionais e o compromisso de examinar todas e quaisquer formas linguísticas, desde morfemas a sentenças composicionais, estendendo-se para os padrões idiomáticos.

A partir da observação de *construções idiomáticas*, que eram postas à margem dos estudos gerativistas por estas serem consideradas formas periféricas na língua, auxiliou no desenvolvimento do conceito da GC a noção de *construção gramatical*. Na literatura construcionista, entende-se por construção gramatical um pareamento convencional de forma (fonológica, prosódica e/ou morfossintática) e um significado (considerando aspectos nos níveis, semânticos, pragmáticos, discursivos ou funcionais).

Essa concepção impulsionou questionamentos acerca do modelo gramatical. Uma dessas indagações girava em torno da possibilidade de que sentenças de caracteres regulares e composicionais poderiam ser descritas segundo critérios desenvolvidos na construção gramatical. A resposta a tal indagação já se fazia presente em outras obras da GC, como as de Fillmore (1985), Lakoff (1987) e Fillmore *et alii* (1988). No entanto, as pesquisas de Goldberg (1995) que iriam expandir a GC da visão de “periferia” idiomática para o “núcleo” regular e composicional da gramática.

---

(\*) Mestrando no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Para exemplificar isso, Goldberg explorou duas construções básicas: (a) *John gave Mary an apple* e (b) *Chris baked Pat a cake*. Como exposto, ambas as construções são análogas, quando vistas a partir do aspecto formal, pois apresentam o paradigma sintático SUJ V OBJ1 OBJ2. No entanto, o paralelismo existente dessas construções recai no campo semântico, uma vez que ambas as ideias vinculam o sentido de *transferência de posse* (efetivada ou apenas no plano do pensamento). Com isto, tem-se a configuração de um padrão gramatical abstrato designado de *construção bitransitiva*. Deste modo, para os estudos em GC, o conhecimento linguístico do usuário da linguagem pode ser representado na sua totalidade (palavras, sentenças regulares e as próprias expressões idiossincráticas) de modo uniforme.

Tendo em vista essa abordagem teórica, objetivou-se realizar a descrição gramatical de uma construção sintática em que figurassem traços que se inserissem nos padrões sintáticos e semânticos, cujo sentido denotasse a propriedade de resultatividade dentro um contexto linguístico-discursivo, conforme proposto por Goldberg e Jackendoff (2004).

Como hipótese, parte-se da seguinte premissa: do mesmo modo que ocorre na língua inglesa, há construções em português que têm um padrão intransitivo e nelas se inserem verbos que são opcionalmente transitivos, isto é, ora se comportam como transitivos, ora como intransitivos. Em geral, são verbos que expressão funções corporais cujo sujeito pode ser percebido como agente, espirrar, etc. podem ser entendidos tanto como coisas que acontecem conosco, como coisas que fazemos. Nesse sentido, pretende-se atestar que nesses casos, em português brasileiro, tais verbos são usados mais intransitivamente pela existência de uma construção gramatical intransitiva que delimita esse uso. Considera-se que as construções resultativas de percurso com objeto implícito (CRPOI) apresentam a estrutura sintática [SN V SPREP], com semântica X agir em Y.

A justificativa deste estudo se deve ao fato de que, dentro do teórico cognitivista, pesquisadores como Ferrari (2010), Goldberg (1995, 2006), Goldberg e Jackendoff (2004), entre outros, realizaram investigações relacionadas às semelhanças existentes entre as construções, sobretudo as que sinalizam mudança de estado ou localização. Assim, dando prosseguimento aos estudos construcionais, buscou-se comprovar a existência da CRPOI, estudada por Goldberg e Jackendoff (2004).

Para tanto, foram selecionadas e separadas construções, no site *corpus do português*<sup>1</sup>, nas quais figuravam os verbos *cuspir*, *urinar*, *espirrar*, *vomitar*, *escarrar* e *ejacular*, por acreditar que estes são utilizados com objeto implícito na língua portuguesa. Entre os verbos selecionados, constatou-se que *cuspir* foi o mais utilizado dentro do padrão construcional CRPOI.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>. Acesso em: 15 dezembro 2015.

## Quais as vantagens da abordagem da Gramática Cognitiva das Construções? Por que explorá-la?

Os fatores semânticos e pragmáticos das línguas são imprescindíveis para a compreensão existente entre as relações e restrições das construções gramaticais. Para a GCC, contudo, não existe uma delimitação perfeita entre o que é léxico, semântica, pragmática, morfologia e, principalmente, sintaxe. Como frisa Leite (2006, p. 46), “todos os níveis são entendidos como representações complementares na construção do sentido”. Conforme já exposto, essa concepção rejeita uma divisão nos níveis gramaticais.

Segundo Goldberg (1995), ao analisar-se uma sentença como “ele espirrou o guardanapo para fora da mesa”, a partir de uma construção de movimento causado (X causa Y a mover-se a Z), é possível anular a impassibilidade que permeia o verbo espirrar (*to sneeze*), uma vez que ele é intransitivo, ou seja, não há a necessidade de um complemento como, no caso, o guardanapo (*napkin*), já que gramaticalmente o complemento não poderia preceder o verbo. Percebe-se, assim, que esse verbo, nessa construção, não assume unicamente o papel de ação, mas também o de consequência da ação, lançando o objeto guardanapo – para fora da mesa.

Em termos semânticos, é impossível imaginar um indivíduo espirrando um guardanapo. A compatibilidade desta construção com o verbo em questão instancia o sentido de movimento causado (X causa Y a mover-se a Z), o que pode ser visto como um caso não usual na língua, haja vista que o presente verbo não requer para si um objeto, tampouco o *direciona*, como denotado na ocorrência da construção.

Goldberg (1995, p. 10) acredita que a abordagem de caráter construcional possibilita o entendimento de aspectos finais advindos da interpretação, abrangendo o movimento causado, a intenção de transferência, ou um resultado motivado, sendo esta uma cooperação da construção e não do item lexical. Nesse sentido, a autora (*idem, ibidem*) alega que

podemos entender o esqueleto da construção como sendo capaz de contribuir com os argumentos. Por exemplo, definimos a construção bitransitiva como sendo associada diretamente com o papel de agente, paciente e recipiente, e, então, associamos a classe dos verbos de criação como a construção bitransitiva. (GOLDBERG, 1995, p. 10, tradução nossa).

Leite (2006, p. 49) defende que

a análise da GC evita uma certa circularidade de análise resultante do princípio amplamente difundido entre as teorias linguísticas de que a sintaxe é a projeção de uma exigência lexical e que procura definir que são os verbos que delimitam o número de argumentos e o tipo de argumento que os complementam. (LEITE, 2006, p. 49)

Assim, o verbo é visto como predicado da lógica formal por proporcionar um número intrínseco de argumentos. Além disso, segundo o autor:

A ideia de que um verbo possui inúmeros sentidos vai de encontro a um princípio de economia semântica existente na língua. Seria pouco razoável considerarmos que uma forma verbal pode ter diversas acepções e que, em determinado momento, nós assimilamos todas elas, uma a uma, ou, mesmo que, ao longo da vida, registramos todas as realizações possíveis de um determinado lexema verbal. (LEITE, 2006, p. 50).

A GCC propõe que há um número de construções dentro das quais se concretizam os sentidos atrelados aos verbos, reforçando, deste modo, o postulado de Goldberg, uma vez que para a autora, a semântica das expressões completas é diferente nas construções atípicas em que o verbo vem a ocorrer. Todavia, as diferenças existentes não devem ser atribuídas aos múltiplos sentidos possíveis do verbo, sendo elas, geralmente, vinculadas às próprias construções. Sobre esse ângulo, Leite (2006) parece concordar ao acreditar que

Nos estudos da GC, a composicionalidade é preservada na medida em que tal relação de significação se dá no nível da construção e do sentido. Não se discute o fato de que núcleos nominais imponham restrições às combinações possíveis, mas o sentido não se constrói a partir dos mesmos, e sim da construção que os comporta. (LEITE, 2006, p. 52)

— validando-se, portanto, do pensamento de Goldberg (1995), que defende que um determinado verbo em construções diferenciadas apresente o mesmo sentido com o resultado de ambiguidade lexical.

### **Como Goldberg e Jackendoff tratam a construção resultativa intransitiva com objeto implícito**

Após terem realizado um estudo sistematizado sobre as construções resultativas em sua totalidade, Goldberg e Jackendoff (2004) evidenciaram a existência de um grupo de itens lexicais que conotam, em certo grau, emissão corpórea, além daqueles que retratam em sua natureza uma outra espécie de substância, bem como verbos que apresentam ato de ingestão, traçando um paralelo com aqueles que denotem sentidos de movimento, que, por sua vez, não se encontram registrados textualmente na sentença, fazendo, deste modo, com que o *host* seja cognitivamente entendido como um argumento implícito dentro desta.

Nesse sentido, os autores abordam uma questão intrigante relacionada à *construção resultativa intransitiva com objeto implícito* prevista em (1) e (2). As respectivas construções se ajustam perfeitamente bem aos critérios das resultativas — o cuspe, a urina e a ejaculação terminam fora da janela (1), o suor termina e o sangue no chão (2). No entanto, essas formas parecem infringir a *realização do argumento completo*, ou seja, enquanto os verbos não requerem uma entidade em

movimento para ser expresso, as construções resultativas causativas geralmente o fazem (GOLDBERG; JACKENDOFF, 2004, p. 29), como se observa nos pares de exemplos a seguir.

(1) *Bill spit/urinated/ejaculated out the window.*  
Bill cuspiu/urinou/ejaculou para fora da janela.

(2) *Bill sweated/bled on the floor.*  
Bill suou/sangrou no chão.

Em contrapartida, os autores utilizam-se de expressões como em (3) e (4), em que todos os verbos expressam inerentemente um sentido de movimento: não se pode entrar sem entrar em algum lugar, sem passar de um lado para o outro de alguma coisa ou, principalmente, subir sem ir em uma direção ascendente. De acordo com os autores, tal estrutura admite o acréscimo de um SP, que delimita mais o caminho, ainda que não seja selecionada pelo verbo. A esse caso em especial, Jackendoff (1990) atribui a designação de “adjunto de construção de trajeto do sintagma preposicional”. Neste contexto, deve-se considerar que a construção serve unicamente para modificar ou amplificar um argumento do evento verbal, comumente chamado de *trajeto* (*ibid*, *ibidem*).

(3) *Bill entered/left/exited (the room) through the bathroom window.*  
Bill entrou/deixou/saiu (a sala) pela janela do banheiro.

(4) *Bill crossed (the street) to our side.*  
Bill atravessou (a rua) até nosso lado.

Como previamente observado (1), todas as construções denotam algum tipo de entidade ou matéria em movimento, estando esse sentido, contudo, implícito na construção. Nos exemplos em (2), a entidade ou matéria em movimento tem um trajeto específico: em (3) e (4) *fora* ou *para longe* do sujeito. O SP simplesmente delimita o movimento, como em (2). Deste modo, podem ser produzidos exemplos pelo adjunto de construção de trajeto do SP em vez da resultativa. Com isto, não há um subevento construcional cujo tema do argumento — a entidade de movimento — deva ser expresso para atender à *realização do argumento completo* (GOLDBERG; JACKENDOFF, 2004, p. 30). Além deste tipo específico de estrutura, há outros exemplos que seguem o mesmo esquema, mas em que o verbo não implica nenhuma entidade em movimento:

(5) *Bill coughed/sneezed on the mirror.*  
Bill tossiu/espirrou no espelho.

Em termos de análise, o indivíduo consegue perfeitamente *tossir (to cough)* e espirrar (*to sneeze*) apenas expirando o ar pela cavidade bucal ou nasal. Nenhum movimento de trajetória é geralmente especificado por esses verbos. Portanto, não existe a valência de movimento implícito por um verbo em que o SP o amplifique. O sentido da própria construção especifica que a semântica particular do argumento não precisa ser expressa.

Goldberg e Jackendoff (2004, p. 30) afirmam que ainda que esta instância reconheça explicitamente uma família de construções para instanciar a evidente variabilidade semântica, pode parecer que outras abordagens alcancem generalizações ainda maiores. Contudo, também acreditam que poucas construções foram capazes de ter total alcance nos dados discutidos neste trabalho, havendo, sobretudo, uma exceção que busca discutir os casos aqui apresentados, que consta na obra recente de Rappaport Hovav e Levin (2001).

## Metodologia

Buscou-se realizar a descrição gramatical de uma construção sintática que apresentassem traços que se inserisse nos padrões sintáticos e semânticos, denotando a propriedade de resultatividade de um contexto linguístico-discursivo específico, conforme proposto por Goldberg e Jackendoff (2004).

Adotou-se como orientação teórico-metodológica a abordagem qualitativa. A escolha desta forma de tratamento de dados justifica-se, sobretudo, por se apresentar como uma ferramenta adequada para o estudo proposto, uma vez que não se preocupa com a representatividade numérica dos dados selecionados, mas sim com o aprofundamento da compreensão desses, bem como suas respectivas organizações linguísticas.

A seleção do corpus da CRPOI (cujo padrão sintático é SN V SPREP, com semântica causar-mover-mudar de estado), foi feita através do site *O corpus do Português*. Os dados disponibilizados em tal endereço eletrônico apresentam o registro oral e escrito de informantes dos séculos XIV a XX. Em relação à seleção do corpus, optou-se pelas construções em que figurassem os verbos cuspir, urinar, espirrar e vomitar entre outros, por acreditar-se serem eles os mais utilizados com objeto implícito na língua.

Após a seleção de dados, partiu-se para a análise da construção, levando-se em conta o pareamento entre *forma* e *sentido*. Ainda que se tenha optado por uma pesquisa qualitativa, é importante a testagem com vários tipos de verbos para corroborar a ideia de que o padrão construcional é consolidado no português do Brasil. Dentre os verbos inicialmente selecionados,

evidenciou-se que *cuspir* foi o verbo mais encontrado na construção em estudo, como pode ser visto na tabela a seguir.

Tabela 1: Verbos que se inserem no padrão construcional estudado

TABELA DE OCORRÊNCIAS	
VERBOS	Número de ocorrências
Cuspir	30
Vomitar	4
Escarrar	2
Espirrar	1
Ejacular	1
Urinar	1
Total	39

Na tabela 1 são representados os números de ocorrência dos verbos que se inserem nesse padrão construcional para fins de contextualização didática. Assim, todos os verbos encontrados se encaixam no padrão construcional das CRPOI estudadas por Goldberg e Jackendoff (2004), cuja sintaxe é SN V SR com semântica X age em Y.

Uma vez entendida a estrutura sintática e a semântica da construção, analisaram-se os dados, levando em consideração o que postula a GC. Essa gramática entende que uma unidade lexical é caracterizada como uma construção gramatical, e que as estruturas sintáticas de uma língua não dão conta de descrevê-la unicamente segundo critérios meramente sintáticos ou morfossintáticos, tampouco apenas levando em conta as propriedades sintáticas e semânticas dos verbos que as compõem. Segundo a hipótese inicial, tais verbos, em português, ao se inserirem no padrão construcional intransitivo, tornam-se, preferencialmente, intransitivos.

Assim, para entender fenômenos linguísticos como esses, recorrentes na construção, partiu-se da hipótese: da mesma maneira em que ocorrem tais construções em língua inglesa, em língua portuguesa, as construções em que aparecem verbos que expressem situações de *aversão* ou *nojo*, em que é possível subentender seus objetos, mantêm os objetos implícitos.

Acredita-se que as CRs são vistas sobretudo na representação de um SR, assumindo basicamente uma forma de um Sprep. Essa concepção, postula, em certo grau, a mudança de estado na sentença ou de lugar aplicada em direção ao SN que haja uma reação devido à ação. Além disso, admite-se que seja possível encontrar exemplos prototípicos dessa construção no PB; acredita-se que sejam as mais produtivas, no sentido de expressar resultatividade intransitivas com objeto implícito, as que apresentam o verbo *cuspir*.

### Análise e interpretação do corpus

Selecionado e classificado o *corpus*, realizou-se a análise do objeto deste estudo. Constatou-se a existência de um determinado grupo de itens lexicais que denotam emissão corpórea, além de outros que retratam ato de indigestão expressando, em certo grau, sentidos de movimento. O evento causativo encontra-se anteposto à resultativa, possuindo o elemento da construção que manifesta a situação do causador retomado como sujeito da resultativa, com a representação da sintaxe [SN V SPREP], acompanhado de semântica X agir em Y, como pode ser verificado no padrão construcional deste estudo com diferentes verbos intransitivos inseridos nele:

- (6) [...] E o público vai se voltar contra mim, porque esse público é modista.” Daqui a um ano, vão querer uma banda mais rápida, que foi o que aconteceu. As letras inteligentes da Dorsal vão ser menosprezadas, porque o cara só vai querer falar de Satanás, que foi o que aconteceu. Vão cuspir em mim, que foi o que aconteceu.

Como observado em Goldberg e Jackendoff (2004), esse tipo de construção com verbos como *cuspir* que pede um objeto implícito, muitas vezes esse é utilizado pelos usuários da língua acompanhado de um sintagma preposicional com valor locativo expressando o estágio final do percurso o objeto rumo a um determinado alvo em que é possível se entender que em *Vão cuspir [cuspe] em mim*, o cuspe é o objeto que percorre um trajeto em direção a um alvo [eu]

- (7) [...] No silêncio da casa-grande, também o meu. E mais: a memória de gestos que se perderam no vazio, de rosas e margaridas que murcharam no jardim, de tiques nervosos quase esquecidos: tio Ranulfo a cuspir nas paredes, de nojo de tudo, de mosca voando em torno da mesa, de galinha cagando no alpendre, cuspiando e olhando o cuspo secar.
- (8) Internar-se numa casa de repouso. Mansão de repouso, seria melhor dito, pois tinha dinheiro para pagar o que havia de melhor no gênero. - Esse era o poeta. - Sim, Adão, o poeta Arquimedes Vaz Leitão. Assinara seus livros de poesia como Arlequim. Arquimedes, Arlequim. Já houve uma poetisa Colombina. - Lembro, uma das últimas parnasianas - disse Adão Flores. Arlequim também conheci. Nos meus tempos de ginásio ainda se falava dele e havia poesias suas nos livros escolares. Um Bilac em terceira página de papel carbono. Devia cuspir para os modernistas. [...]

Nas construções (7) e (8), os sintagmas preposicionais “nas paredes” e “para os modernistas” indicam construções alvo do movimento iniciado pela ação de cuspir, transmitindo a ideia, a princípio, de ponto final do trajeto, dada a semântica construcional.

- (9) Não se pode viver sem luz! A luz é necessária! A luz é o maior dom da natureza! Luz! Luz! Luz! E a luz não foi feita. Continuou berrando: - Luz! Luz! Luz! Só a escuridão respondia. Baiano velho estava fulo. Urrava. Vozes perguntaram dentro da noite: - Que é que há?

Baiano velho trovejou: - Não tem luz! Vozes concordaram: - Pois não tem mesmo. \* Foi preciso explicar que era um desaforo. Homem não é bicho. Viver nas trevas é cuspir no progresso da humanidade. Depois a gente tem a obrigação de reagir contra os exploradores do povo.

- (10) Polícia matou 111 presos em uma rebelião, ano passado. Colombo imediatamente pediu para ir a o local, para desconsolo de os cicerones. O ideal em a terapia comportamental de as fobias é que a pessoa se exponha gradualmente a o estímulo que gera medo e ansiedade. Esse processo readapta lentamente o organismo a vida normal. Se um jogador receber o terceiro cartão amarelo por comemorar um gol fora de o campo, não joga a partida seguinte. Se outro der um soco em o árbitro, quebrar de propósito a perna de um adversário e cuspir em o bandeirinha, só ficará suspenso um jogo.

A partir desses exemplos, pode-se perceber que uma vez inserido em uma construção intransitiva, o verbo cuspir, que opcionalmente pode ser transitivo ou intransitivo, se encaixa no padrão sintático determinado pela construção. Os exemplos fornecidos indicam uma entidade em trajeto, apresentando o seu objeto, contudo, de modo sempre implícito, numa relação semântica verbo-construção, em que o comportamento de verbos como cuspir, vomitar, etc, por expressarem funções corporais que denotam repulsa, possibilita o subentendimento do objeto. E, apesar de o verbo *cuspir* não ser prototipicamente um verbo de movimento, entende-se que o ato em si atue sobre um objeto [saliva] impulsionando-o em direção a um determinado alvo.

A construção (9), por sua vez, além de direcionar o objeto implicitamente a um ponto específico, lança mão da metáfora para que seu entendimento possa ser estabelecido: o alvo é de propriedade *abstrata* projetado pela sociedade. Repare-se que em (10), emprega-se a preposição “em” para denotar um lugar, que dentro da construção satisfaz as posições semântica e sintática necessárias.

- (11) Depois, ali não eram permitidos braseiros, a cujo calor estavam habituados a dormir desde que nasceram, nem havia mulheres para os acompanhar, nem curandeiros com as suas mezinhas, nem feiticeiros com as suas rezas. Aquilo era-lhes insuportável, incomodava-os tanto como a própria doença. Ali, era tudo à europeia. Grandes salas com janelas rasgadas ao alto, muitas camas alinhadas, tudo limpo e a cheirar a desinfetante, cheiros que os entonteciam e agoniavam nos primeiros dias e de que nunca mais se esqueciam. Ninguém podia gemer nem cuspir no chão. Era proibido fumar e falar alto.
- (12) O sipaio jurou que não tinha mais, que eram cinco angolares, que estava muito bem pago, porque nem os brancos davam tanto dinheiro às mulheres com quem se deitavam. Então, Cebola guardou os cinco angolares. A mulher assistiu a tudo sem dizer palavra; mas quando viu o sipaio dar o dinheiro, cuspiu para o chão e voltou - -lhe a cara. Depois, pediu-lhe um angolar, mas ele estendeu-lhe as mãos vazias e prometeu dar-lhe sal no dia seguinte. Ela tornou a cuspir para o chão e pôs-se a olhar para o criado do secretário. [...]

Em (11) e (12) apresentam essa relação entre a semântica do verbo e a semântica da construção, bem como a estrutura argumental requerida por ambos. Sabe-se que, sob ótica da GC, o sentido advém da própria construção que se combina com a semântica do item lexical para expressar um evento complexo. Sendo assim, o verbo cuspir inserido na construção resultativa com objeto implícito, e graças a uma necessidade pragmática de se omitir o objeto do ato de cuspir, passa a se comportar como um verbo intransitivo e, por força da construção, licencia o sentido de “imprimir movimento a seu objeto subentendido que percorre um trajeto a um ponto final.

(13) E não me refiro só aos leigos. Refiro-me também à Igreja, que não aproveita o seu apostolado para condenar a aberração de uma maneira mais explícita. Refiro-me também aos homens cívicos, modernos, civilizados, de fino trato e maneiras à mesa, que já aprenderam a não cuspir na rua e a não sujar as praias e pinhais, mas que continuam a exhibir por todo o lado o seu primarismo engravatado.

(14) Depois voltou-se para o dr. Negrão, com um sorriso, como se ele fosse o único a compreendê-lo: - Não há que inventar teorias sobre ricos e pobres. Bem ou mal, honesta ou desonestamente, os pobres suportam a sua vida; escondem no peito, de geração em geração, o ódio que lhes nasceu, de verem os seus sonhos apagarem-se com o tempo; de verem uns sempre sonhando mais e vivendo mais; de se verem sòzinhos na luta pelo que eles admitem o mínimo necessário. Ricardo sentiu desejo de cuspir na cara do comerciante, desse usurário!

Em todos os exemplos analisados até agora, o verbo cuspir licencia o sentido de ação que leva um objeto a movimentar-se no espaço, alcançando um determinado alvo, cujo objeto expelido é interpretado como implícito por não ser textualmente registrado, mas depreendido por seu contexto.

Uma perífrase em (13) demonstra o padrão construcional estudado: “Eles <sup>(Suj)</sup> aprenderam a não cuspir <sup>(V)</sup> [cuspe] nas ruas <sup>(Obl)</sup>”; do mesmo modo em (14): “Ele <sup>(Suj)</sup> cuspiu <sup>(V)</sup> [cuspe] na cara do comerciante <sup>(Obl)</sup>”.

(15) Foi quando começou a maior desordem. O sangue ia ensopando a terra junto do armazém. As mulheres perdiam o tino, ficavam da cor desta parede. Nunca vi. -Mas alguém assaltou o armazém? - Mande a guarda, senhor engenheiro! Eles cercaram o armazém, mas os capatazes ainda não deixaram arrombar a porta. Agora, quando vinha para San Francisco, ouvi dizer a um: " Mata-se um ladrão destes e rouba-se a chave do fato "; " Hás-de chegar primeiro as tuas ventas aqui, meu cabrão, para te cuspir nos olhos!

(16) [...] por aquela porta fechada à chave, até que veio, o D. Jorge abrir pessoalmente. - Seu malandro! O que é que você pensa? Então você fecha-me aqui à chave com este filho da p..? O Antunes estava como havia entrado, e tinha utilizado uma cadeira para não incomodar a rapariga. - Vão insultar as suas irmãs! - gritava, encarnada, a Judite, ofendida.

Ela ia para dizer tudo quanto sentia, e avançou para o Antunes. Não lhe deu palavra, mas deitou-lhe tal desprezo que não *pôde deixar de lhe cuspir na cara*.

No nível de nível de análise semântica, as construções em estudo trazem em si a ideia de X faz Y mover-se a Z, o que pode ser perceber claramente nos dados (15) e (16). Em (15), “te cuspir nos olhos”, o sujeito da construção através do ato de *cuspir* faz com que a saliva se mova na direção dos olhos de alguém. Neste caso específico, temos uma construção que pode ser parafraseada da seguinte forma: X cospe saliva nos olhos de X, ocorrendo o mesmo fenômeno em (16).

Do mesmo modo que as construções investigadas com o verbo *cuspir*, outras que apresentam o item lexical *vomitar*, como no exemplo (17) e (18), são classificadas como CRPOI, uma vez que esse modelo pertence ao padrão construcional estudado.

No exemplo (17), X sente-se ofendida pelas propostas obscenas de Y, desejando vomitar em cima de Y. Em (18), X age de forma inesperada, decidindo ficar em silêncio para que Y o deixe em paz. No entanto, devido ao teor de álcool ingerido, Y não o faz e, conseqüentemente, acaba vomitando para trás de um banco, estabelecendo um trajeto que tem como alvo a parte de trás do banco.

(17) Nem mesmo o soldado entende esse modo oprimido de olhar sem ver o que está sempre a acontecer nos olhos das mulheres. - Preta é boa pra fazer ginga no mataco. Boa mesmo, preta. Deixas-me saltar na cueca aqui no posto ou logo à noite na tua cama? Deixas, Natália? Se deixares nosso pronto saltar-te na cueca, eu levo-te já ao furriel enfermeiro. Se não, nosso capitão não deixa entrar, eu jura mesmo de verdade, ó preta. Ai! você sabes aquela vontade que a gente tem cá dentro de *vomitar em cima de um branco*, por causa as coisas de antigamente? [...]

(18) olhou em roda com a segurança impudente de quem não receia contestação. Leonel ouvia-o enjoado, tão teatrais lhe pareciam aqueles modos e dizeres. Fizera-se um devoto silêncio de curiosidade e deferência. Então, neste silêncio, o bêbado que oscilava contra o ombro de Leonel solevou pesadamente os braços, querendo bater palmas; e urrou duas vezes “muito bem..” “muito bem..” arrancando as palavras com grande esforço. “Sch!..” -sibilaram várias bocas irritadas. Mas o esforço que fizera convulsionara as entranhas do ébrio: Atirando-se de lado, pôs-se a *vomitar para trás dum banco*. [...]

Como o verbo *cuspir*, o item lexical *vomitar* age como transitivo ou intransitivo. Observa-se nas construções que esse verbo imprime um movimento, expelindo o objeto implícito a um determinado ponto, a partir da presença dos SPs “em cima de banco” e “para trás dum banco”. Esse mesmo fenômeno construcional realiza-se também nos pares de exemplos (19) e (20):

(19)[...] Eu tive lá pacta com semelhante porca? Ceguinho eu seja, Pólito! -Lá sabeis. Não se fala noutra coisa. Pelos modos, o Zé Narciso pôs a irmã em lençóis de vinho. Aqui tens e repito: volta para trás. -Nem que me metessem uma faca aos peitos! Não tenho nada que ver com tal estupor. -Foi ela que te acusou, homem. A barriga cres, ceu, cresceu, teve de vomitara para ali tudo.. [...]

(20) e as criadas de servir chamam um lindo rapaz. Muito branco, rosadinho e loiro, bigodito bem frisado, o cabelo encara colado; uns olhos pestanudos, uma boca pequenina - meiguinho, todo esculpido em manteiga; oleoso nos seus modos, nos seus gestos. Caixeiro de loja de modas - ah! não podia deixar de ser!.. Embirrava de tal forma com semelhante criatura açucarada, que nunca mais tinha voltado ao café provinciano da Praça de S. Michel. Com efeito era-me impossível sofrer a sua presença. Dava-me sempre vontade de vomitara em face dele, na mesma náusea que me provocaria uma mistura de toucinho rançoso, enxúndia de galinha, mel, leite e erva-doce.. ao encontrá-lo - o que não era raro - eu não sabia nunca evitar um gesto de impaciência. [...]

O verbo *urinar* também se insere no padrão da CRPOI, uma vez que a sua semântica se encaixa à semântica construcional permitindo a leitura que se faz, como previsto em (21):

(21) Nunca mais pude assistir a touradas. Passei a ver aquilo com o olho do americano. Como sou muito concentrado, até a música das touradas soa como dança fúnebre. Estado - Foi essa concentração que o jogou no xadrez? Arrabal - Xadrez é o jogo da concentração. Uma vez, vi um jogador urinar no adversário e ele nem percebeu. [...]

A construção destacada em (21) encaixa-se no padrão construcional de percurso, pois nela X urina em Y, que se torna paciente da ação, recebendo diretamente o objeto implícito, que neste caso é a urina. Notem-se demais construções:

(22) [...] Tôdas emudeceram quando aparecemos - e dentre elas o pobre Melchior, estonteado, com o sangue a espirrar na nédia face de abade, correu para nós, jurando "que o jantarinho de suas incelências não demorava um credo" [...]

Essa visão construcional só é possível porque alguns verbos podem ser encaixados na construção graças a uma relação entre a semântica e sintaxe verbais e semântica e sintaxe construcionais, como, por exemplo, ocorre com o verbo *espirrar*, demonstrado em (22), além das construções (23) e (24), em que ocorrem com o verbo *escarrar*.

(23) [...] Pouco se lhe importava que a freguesia regougasse. O serviço é que tinha de ser bem feito. Um dos malteses, impaciente pela demora, lançou para o chão a prisca que se lhe apagara nos beiços, e disse, depois de escarrar no sobrado com a sem-cerimónia de quem está em casa [...]

(24) [...] Mas voltei por fim á minha calma, e, perante o meu antigo amigo, só me restou o meu nojo, o meu tédio, e um desejo ardente de lhe escarrar na cara toda a sua indignidade [...]

Assim, a sintaxe e semântica de ambas construções (23) e (24) denotam os critérios exaustivamente percorridos sobre a CRPOI. Por fim, esse modelo construcional alcança construções também com o verbo ejetar, como visto em (25):

- (25) [...] É muito comum que a mulher enfrente uma gravidez indesejada por falta de informação. Muitas crenças atrapalham o planejamento da maternidade. A mulher não fica grávida só quando tem orgasmo; pode engravidar na primeira e única relação sexual de sua vida; pode engravidar ainda virgem, se o homem *ejacular numa área próxima à vagina*; a gravidez não depende da posição sexual

### Considerações finais

Investigou-se as CRPOI's, dentro da GC, objetivando realizar uma rede construcional desse tipo de resultativas, semelhantemente Jackendoff e Goldberg (2004). Para tanto, buscou-se examinar a descrição gramatical de uma construção em língua portuguesa que englobasse padrões sintáticos e semânticos, apresentando, contudo, sentido que denotasse a propriedade de resultatividade dentro um contexto linguístico-discursivo. Percebeu-se que esse modelo construcional dispõe do paradigma sintático SN V SR, com semântica X agir em Y.

Como hipótese elementar, admitiu-se existir construções em português cujo padrão intransitivo possibilite inserir verbos que ora atuam como transitivos, ora intransitivos na língua. Os verbos eleitos foram os que expressão funções corporais que denotam aversão, sendo eles, *vomitare, urinar, cuspir, escarrar, ejetar e espirrar*, por manterem os objetos subentendidos igualmente realizados em língua inglesa direcionando-os na construção a partir do uso de SP's com valores locativo e/ou de movimento (para fora/para dentro/para o lado/em).

Ressalta-se que esta construção em que os verbos apresentam sentidos de repulsa quando utilizadas pelos usuários da língua realiza um trajeto que é possivelmente previsto pela semântica construcional, mas nem sempre pela semântica verbal. Por fim, constatou-se que as construções com o verbo cuspir foram as mais encontradas, em vista das demais, corroborando para essa rede construcional no sentido de legitimar a existência de construções que quando denotam ato de ingestão ou emissão corpórea, licencia o sentido de ação que leva um objeto a movimentar-se no espaço, alcançando um determinado alvo para um dado alvo.

## Referências

- FERRARI, Lilian. Modelos de Gramática em Linguística Cognitiva: princípios convergentes e perspectivas complementares. **Cadernos de Letras da UFF** — Dossiê: Letras e cognição, n. 41, p. 149-165, 2010.
- FILLMORE; KAY, P.; O'CONNOR, C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let Alone. In: **Language**, 1988, v. 64, p. 501-538.
- FILLMORE, C. J. Syntactic intrusions and the notion of grammatical construction. **Proceedings of the 11th Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**, 1985, pp. 73-86.
- GOLDBERG, Adele. **Constructions**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, Adele; JACKENDOFF, Ray. **The English resultative as a family of constructions**. Unpublished ms. University of Illinois, Urbana-Champaign, 2004.
- JACKENDOFF, Ray. **Semantic Structures**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1990.
- LEITE, Marcelo Andrade. **Resultatividade: um estudo das Construções Resultativas em Português**. 2006. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- RAPPAPORT HOVAV, MALKA; LEVIN, Beth. An event structure account of English resultatives. **Language**, 77. 766-97, 2001.

**Resumo:** Objetivou-se realizar a descrição gramatical de determinada construção sintática em que figurassem traços que se inserissem nos padrões sintáticos e semânticos, cujo sentido denotasse a propriedade de resultatividade dentro um contexto linguístico-discursivo, conforme proposto por Goldberg e Jackendoff (2004). As construções pesquisadas dispõem do padrão sintático [SN V SR], com semântica X age em Y. Partiu-se da hipótese de que, do mesmo modo que ocorrem na língua inglesa, as construções intransitivas no português brasileiro nas quais aparecem verbos que denotem situações de aversão manteriam seus objetos implícitos, configurando um padrão construcional básico. O *corpus* utilizado foi retirado de *O corpus do português*, tendo sido eleitas somente as construções nas quais figurassem os verbos *cuspir, urinar, espirrar, vomitar, escarrar e ejacular*, por serem verbos que denotam situações em que se subentende o objeto, sem a necessidade de explicitá-lo, provocando, assim, constrangimento no interlocutor. Foi possível testar a construção em português, que nomeamos CONSTRUÇÃO RESULTATIVA DE PERCURSO COM OBJETO IMPLÍCITO (CRPOI), sendo o verbo *cuspir* o mais encontrado no *corpus* selecionado. A construção em estudo é uma resultativa de percurso devido ao uso de sintagmas preposicionais com valor locativo ou de movimento (como *para fora, para dentro, para o lado* e *em*) trajeto do objeto, que está implícito, movendo-se em determinada direção. As construções resultativas de percurso são também chamadas por Goldberg (1995) de construção de movimento causado.

**Palavras-chave:** Linguística Cognitiva. Gramática de construções. Construções resultativas.

**Abstract:** We aimed to accomplish the grammatical description of a syntactic construction in which there were features inserted in such semantic and syntactic patterns, whose meaning denoted resultativity, within a linguistic-discursive context, as proposed by Goldberg and Jackendoff (2004). The researched constructions display the syntactic pattern NP V RP, with the semantics X acts on

Y. We hypothesized that, as well as in English language, the intransitive constructions of Brazilian Portuguese language, in which there were verbs of aversion, would maintain their implicit objects, setting up a basic constructional pattern. The corpus was extracted from *O corpus do Português* [The Portuguese language's corpus]. We chose only constructions with the verbs *cuspir* [to spit], *urinar* [to urinate], *espirrar* [to sneeze], *vomitar* [to vomite], *escarrar* [to cough up] and *ejacular* [to ejaculate], since they are verbs that denote situations in which the object is implied, without the need of explanation, embarrassing the interlocutor. It was tested the construction in the Portuguese language, which we named Resultative Construction of Path with Implicit Object. The verb *cuspir* was the most profitable. The construction under study is a resultative due to the use of prepositional phrases with locative or movement value (as *para fora*, *para dentro*, *para o lado* and *em*). The resultative constructions of path are also called *construction of caused movement* by Goldberg (1995). Lastly, we claim that, when used by language speakers, this type of construction, in which the verbs denote repulsion, accomplishes a path predicted by constructional semantics, but not always by verbal semantics.

**Key-words:** Cognitive Linguistics. Constructions Grammar. Resultative Constructions.

*Recebido em: 15/11/2018.*

*Aceito em: 08/05/2019.*